



Equipas de Nossa Senhora

“PORQUE MANDAS, LANÇAREI AS REDAS” 3. O casal cristão chamado a viver a Aliança no Matrimônio

Joseph et Emanuela LEE
Super Região de Itália

Melbourne 2002

Quando o Evangelho nos diz que Deus é Amor, e quando toda a Bíblia nos fala deste Amor que se manifesta na relação, na história e na aliança, todos nós, casais cristãos, sentimos-nos fortemente interpelados. Fortemente porque o amor, a relação e a história são temas que nos são muito queridos, não são eles os principais motivos da escolha da nossa vida? Fortemente também porque com muita frequência abusamos da palavra amor, revestindo-a de conteúdos teóricos ou idílicos e, por este caminho, esvaziando-a de conteúdo.

É, sobretudo, quando ouvimos as palavras de amor de Cristo “**Fazei isto em memória de mim**”, proferidas enquanto se oferecia completamente pela nova aliança entre Deus e a humanidade, entre Deus e a nossa vida, que sentimos um calafrio na costas; a nossa vaidade e a nossa segurança confortam-se, mas o coração desata a bater rapidamente por causa de todas as questões que nos atormentam.

Que memória temos d’Ele e que significa recordar? Como somos chamados a viver a Nova Aliança na nossa vida de casal?

A Aliança é Nova, uma novidade, porque Cristo, ele mesmo, é uma novidade, que cria um homem novo em cada nova relação humana. Como pode a vida de casal ser um sinal da Nova Aliança nos nossos tempos? Pensamos que é preciso:

1. Reconhecer a novidade do outro.

Deus acredita no homem, Deus tem confiança no homem, Ele é fiel ao homem. Pela encarnação de Cristo, Deus designou o lugar onde quer realizar a Nova Aliança. Com o seu dedo indicou o homem, este homem feito de lama e que é carne, espírito e paixão, que domina o mundo, mas que também sente fome e sede, este homem que aspira a conhecer o bem e o mal, mas que se descobre limitado por ser “criatura”. É verdadeiramente para este homem que Deus apontou o seu dedo.

Há um ditado chinês que diz assim: “quando um dedo aponta a lua, olha a lua e não o dedo”. Deus mostra cada um de nós, mostra o outro. Podemos e devemos olhar o homem seguindo a direção do seu dedo.

O nosso mundo está cheio de dedos. Todos indicam alguma coisa, mas nem todos o fazem respeitando o homem, muitas vezes tratado como um objeto ou anulado com desprezo. O dedo de Deus, pelo contrário, penetra profundamente no coração da humanidade, conhece e participa das necessidades do homem e eleva-o a uma dignidade que não pode ser espezinhada. O dedo de Deus nos lembra que cada ser humano, graças ao sopro de vida enviado pelo próprio Deus, é um sacramento.

Sabemos reconhecer este imenso valor e cuidamos da pessoa que está ao nosso lado, à nossa frente? Sabemos responder às necessidades profundas e fundamentais da vida, responsabilizando-nos por elas?

“*Sou porventura o protetor do meu irmão?*” é uma objeção que tem uma raiz profunda que é preciso eliminar. A história bíblica é longa, o caminho que temos de percorrer também é longo, todavia somos chamados a substituir esta objeção pela raiz da Nova Aliança: “*Amai-vos uns aos outros*”.

2. Acolher a diversidade.

Somos duas diversidades, duas unidades, duas liberdades chamadas a se encontrarem profundamente, numa relação de vida que não esgota todos os nossos desejos, que é infinita porque insuflada no nosso coração pelo próprio Deus. É então, neste espaço que o outro não pode preencher, que surge a participação de Cristo nas vicissitudes humanas e a esperança de uma mudança contínua que nos traga uma seiva nova.

O encontro com Jesus é uma experiência fundada na necessidade: aquele que se basta a si próprio, que não sente a necessidade de encontrar a diversidade do outro, não sente a necessidade de encontrar Cristo na sua vida, ou então faz dessa uma necessidade exclusivamente espiritual, que tem pouco a ver com a tangibilidade de Jesus. É sempre neste espaço que as pessoas podem se valorizar uma à outra, conscientes de que elas não se podem conhecer totalmente, nem num só dia, nem numa vida inteira.

Tal fato não se deve à falta de vontade ou de amor, mas à unicidade e ao espaço de cada pessoa. Temos freqüentemente a impressão de não nos conhecermos a nós próprios, e julgamos poder conhecer o outro! O outro é a minha esposa, o meu marido, mas ele nunca sou eu! É um *estrangeiro* no mais belo sentido do termo.

O *estrangeiro* representa a imagem do homem da Bíblia, tão caro a Jesus, que Ele se identifica com este homem tão precário e tão misterioso, mas também tão belo e tão provocador. Quantas vezes nos sucede sentirmos como uma provocação o termos de partilhar a nossa vida com um *outro*! Mas a provocação pode tornar-se sadia e fecunda, se a encararmos na ótica da ação de Deus que quer entrar na nossa história, que afronta a “provocação” de um outro, a nossa provocação, com a compaixão do Samaritano.

Somos chamados a reconhecer que o outro, o nosso cônjuge, é apesar de tudo um *desconhecido* que é preciso conhecer, que veio mas pode partir, que é livre porque é diferente, que pode ser acolhido ou rejeitado, que é um intruso que procura hospitalidade no nosso coração, mas que é, sobretudo, um hóspede que nos traz dons misteriosos. Cristo, na encarnação, não viveu justamente estas condições? E o nosso cônjuge, não pediu ele, um dia, hospitalidade no nosso coração?

3. Fazer a experiência do perdão e da reconciliação.

Os limites e as misérias dos outros nos conduzem freqüentemente à compaixão, mas custamos mais aceitar os limites e as misérias que provêm da dureza dos nossos corações e dos nossos espíritos, os quais provocam conflitos, feridas, cortes de comunicação. Deste modo a vida do perdão e da reconciliação torna-se uma experiência indispensável para o casal. Contudo, muitas vezes o nosso problema está mais no orgulho do que na vontade de perdoar ou de ser perdoado. Quem vai procurar a paz, se cada um pensa ter razão? Quem deve dar o primeiro passo? Na Aliança de Cristo isto também está escrito. A paz de Cristo é diferente daquela que nós concebemos: ele fala com o corpo e com a linguagem humana, mas não com a razão humana. O primeiro passo foi dado pelo Pai Misericordioso, na direção do filho pródigo que vagabundeou pelo mundo e voltou, porque estava na miséria; ele fê-lo também em direção ao filho orgulhoso e invejoso que quis afastar-se durante a festa; fê-lo na Cruz, definitivamente, por cada um de nós.

Cabe-nos dar apenas o segundo passo, o que é sempre mais fácil.

4. Acolher o outro nas suas necessidades autênticas.

Qual é o coração que pode ficar indiferente quando Jesus se identifica conosco nas necessidades mais elementares do homem: **“Tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me...”?** (Mt 25, 35-36)

Pensamos habitualmente que, no Evangelho, as exortações estão dirigidas a todos individualmente, mas não estamos habituados a ler as mesmas exortações dirigidas especialmente aos casais. Com efeito, pensamos que as exortações devem ser entendidas na realidade da vida que vivemos, por isso no interior da nossa vida conjugal. Que valor pode ter para nós, casais do mundo ocidental e rico, esta passagem?

Nós pensamos que cada um, mesmo se está no auge da sua forma física, mesmo se está bem vestido, encontra-se esfomeado, nu e fraco, quando não é amado, ou quando perdeu a dignidade e a liberdade.

No nosso mundo falamos muitas vezes do direito e da liberdade, mas nós conhecemos também a fragilidade de um direito conferido por uma autoridade ou um sistema de pensamento filosófico, (que muitas vezes pode ser retirado ou modificado); nós conhecemos bem a ilusão da liberdade interpretada como a possibilidade de fazer tudo o que nos apetece. Mas existe um direito inalienável que provém do fato de sermos filhos de Deus, um direito que é fruto da Aliança com Cristo, do seu sangue vertido por cada um de nós, um direito que é o selo de Deus gravado na fronte de cada um, crente ou não crente, branco ou preto, rico ou pobre. É uma liberdade plena, nascida da libertação dos nossos fardos de frustrações e de ignorância, de resistência a deixar-se conduzir pela vida que Deus nos concedeu.

Nas nossas casas, nas nossas famílias, não nos falta alimento, nem água, mas falta-nos muitas vezes compreensão, diálogo, compaixão, espaço para crescer; porque as expectativas que temos nos outros são excessivas, ou porque a confiança nas possibilidades do outro é limitada, ou porque somos incapazes de apreciar as riquezas do outro.

Somos convidados a recolher, na fraqueza humana, a beleza do rosto, mesmo quando este mudou. Somos chamados incessantemente a observar o rosto do nosso cônjuge que nos confiou, ao nosso coração, a sua libertação. E, pelo contrário, confiando a nossa libertação, o nosso rosto, o nosso coração a esta criatura, ela se torna a intermediária entre Deus e nós.

5. Viver os dons e a partilha.

O olhar na direção do homem nos reenvia em busca da relação, reenvia-nos à nossa relação conjugal que é chamada a lançar a rede, para viver os dons da vida, para viver a estupefação dos discípulos perante a abundância da pesca. Cristo, ele próprio, quando parte o pão, convida-nos a tomar consciência do dom, da gratuidade e da partilha: **“tomai e comei todos...”**. Por isso somos convidados a partilhar, mesmo que haja pouco para partilhar, a viver com sobriedade, mesmo que reine a abundância.

“Dai-lhes vós mesmos de comer”: dai vós mesmos, a vossa própria vida que, em comparação com os cinco pães e os dois peixes, não é nada. Podemos partilhar, porque Cristo já partilhou conosco, até à morte. Ele partilhou também a dor e a morte porque elas são as condições e os sinais da nossa humanidade, enquanto que a semente da verdadeira morte é a indiferença para com os outros, sobretudo para com os últimos, para com as lágrimas dos oprimidos, dos inocentes.

Mas nós teremos dificuldade e dificilmente poderemos partilhar totalmente com os outros, com amor, se não aprendermos a escutar o grito silencioso do nosso cônjuge; assim somos chamados a partilhar a nossa vida.

6. Sermos portadores e portadoras de esperança.

Dentre todas as contradições do mundo atual, uma, em particular, nos diz diretamente respeito e nos obriga a interrogarmo-nos profundamente: se por um lado ao casal de hoje se impõem os valores da pessoa e da sua autonomia, da sua liberdade, da sua sexualidade, por outro lado o casal, ele próprio, apresenta-se na sociedade como uma realidade feita de relações frágeis e problemáticas, o casal está definitivamente só.

É um problema grave que podemos enfrentar justamente evitando a solidão do casal.

Viver a Aliança no matrimônio significa também tomar consciência de que nenhuma pessoa pode crescer ou diminuir sozinha, nem mesmo o casal.

Somos chamados a testemunhar. Se Cristo é um mistério que provém de Deus, que habita nos limites da carne e do sangue do homem, isto deveria ser entendido, graças aos nossos testemunhos, por qualquer homem, independente de sua cultura ou experiência de fé.

A Nova Aliança não diz somente respeito a Israel e nunca é demais lembrar que ela interessa não só aos cristãos, mas a toda a humanidade que inclui todos os povos, civilizações, religiões e culturas diversas e mesmo aos laços que se estabelecem entre um homem e uma mulher.

Talvez a inteligência humana possa copiar um ADN humano num laboratório. Mas o que nos interessa é a humanidade que nasce de uma relação de vida, de uma história de amor; Cristo, homem novo, portador do ADN de Deus, quer dizer do Amor, anuncia-se por meio do *nosso amor, a nossa história, o nosso canto de sexualidade, o nosso caminho de liberdade, de reconciliação, de partilha.*

O mundo dos afetos humanos não é exclusivo dos casais cristãos: o amor, a oblação, a fecundidade, as dificuldades, as reconciliações, a felicidade... graças a Deus, estão presentes em toda a parte, estão presentes onde existe um laço profundo entre homem-mulher vivido de forma sincera na história.

Mas, graças a Deus, vivemos numa época cheia de possibilidades de encontro, de confrontos e de conhecimentos recíprocos. Frequentemente é o confronto com as outras religiões e as outras culturas que nos revela a profundidade da perspectiva evangélica do **Verbo** que **se fez carne**, e que nos faz compreender a grande responsabilidade e a alegria do anúncio que passa pelo casal. Nós podemos falar de Cristo através da linguagem do casal a qualquer casal do mundo, porque o amor precede e ultrapassa cada cultura e cada fé humana.

O casal humano, com a sua diversidade intrínseca que dialoga e projeta, poderá tornar-se modelo de diálogo e de partilha entre os povos? Talvez exageremos, mas temos muitos motivos para o esperar.

Esperando, tratemos de descobrir e de viver, com o apoio da comunidade, os dons da vida provenientes da Nova Aliança, que encontramos no pão e no vinho do Cristo histórico, ou no arroz, no chá e em todos os outros sinais humanos do ágape do Cristo universal.